

A SUPERAÇÃO NO PRÓLOGO DE ZARATUSTRA¹

Robione Antonio Landim²
Bruno Diego Santos Pereira³
Franco Palacios Morales⁴
Genilson Pereira Martins⁵
Mariana Lima Alves⁶

Resumo

Nossa pesquisa se propõe a investigar a seguinte questão: Por que o homem deve ser superado? Delimitando-se a análise do Prólogo de Zaratustra, compreendemos que nele Nietzsche busca trazer novos pensamentos para os homens a fim de lhes incentivar à grandeza e lhes desviar da mediocridade que é um traço da cultura moderna. Já é tempo de o homem plantar a semente da sua mais alta esperança. Nesse sentido, Nietzsche define o homem como passagem e travessia para a realização do super-homem. O sentido deste está intimamente ligado ao projeto de transvaloração da cultura da mediocridade que se expressa no ser humano-animal-de-rebanho, domesticado pela moral e religião, para um ser que afirma a terra. O super-homem é o sentido da terra.

Palavras-chave: Nietzsche. Superação. Super-homem.

1. INTRODUÇÃO

Zaratustra viveu dez anos na solidão da sua caverna. Esse período foi suficiente para ele aprender e sentir a necessidade de regressar aos homens e distribuir-lhes sua sabedoria. Em seu retorno, Zaratustra aparece como “o anunciador de uma completa reviravolta em nossa cultura” (MARTON, 2001, p. 123). Para tanto, terá que descer da montanha e ir ao encontro dos homens. Após sua chegada à cidade, Zaratustra encontrou muita gente reunida na praça para assistir um equilibrista andar na corda. Então, ele anunciou às pessoas: “Eu vos ensino o super-homem. O homem deve ser superado, pois, o super-homem é o sentido da terra” (NIETZSCHE, ZA⁷, Prólogo, §3). Compreender o sentido deste trecho foi o objetivo desta pesquisa. Ela também se propôs a investigar a seguinte questão: Por que o homem deve ser

¹ O presente artigo é resultado do Projeto de Iniciação Científica – A questão do humano no prólogo de Zaratustra - desenvolvido ao longo de 2024, com o financiamento do UniAcademia.

² Docente do curso de Filosofia do UniAcademia. E-mail: robionelandim@uniacademia.edu.br.

³ Discente do curso de Filosofia do UniAcademia. E-mail: 22brunodiego@gmail.com.

⁴ Discente do curso de Filosofia do UniAcademia. E-mail: fdpalaciosmorales@gmail.com

⁵ Discente do curso de Filosofia do UniAcademia. E-mail: genilsonmartins94@gmail.com.

⁶ Discente do curso de Psicologia do UniAcademia. E-mail: marilimaalvess@gmail.com

⁷ É consensual, ao citar trechos dos escritos de Nietzsche, se referir sempre a sigla da obra em questão, seguido do número do aforismo citado. As siglas para as obras nietzschianas usadas neste estudo são: ZA (2011), GC (2001), AC (2007).

superado? Delimitando-se a análise do Prólogo de **Zaratustra**, compreendemos que nele Nietzsche busca trazer novos pensamentos para os homens a fim de lhes incentivar à grandeza e lhes desviar da mediocridade que é um traço da cultura moderna. O desenvolvimento técnico-científico por mais que tenha sido sinal de “progresso” para o homem, ele ainda tem muito de primitivo em sua forma de ser. Já é tempo de o homem plantar a semente da sua mais alta esperança. Nesse sentido, Nietzsche define o homem como passagem e travessia para a realização do super-homem⁸. O sentido deste está intimamente ligado ao projeto de transvaloração, ou seja, nessa travessia ocorre a transformação da cultura da mediocridade que se expressa no ser humano-animal-de-rebanho, domesticado pela moral e religião, para um ser que afirma a terra: o super-homem. Zaratustra desceu aos homens para falar-lhes do super-homem; o super-homem é o sentido da terra.

2. A MORTE DE DEUS COMO SUPERAÇÃO DA METAFÍSICA

Segundo Paulo César de Souza (2011), os títulos das obras nietzschianas possuem sua peculiaridade própria, em relação aos textos filosóficos em geral. Pois, na sua maioria, apresentam expressões, por vezes de natureza poética – **Aurora, Humano, demasiado humano, A gaia ciência, Assim falou Zaratustra** - do que termos como “crítica”, “ensaio” ou “tratado”. Entre esses títulos, enfatizamos o de **Assim falou Zaratustra**, cujo texto será o eixo central desta pesquisa que busca investigar a questão da superação do homem.

Uma das particularidades dessa obra se manifesta no seu título: **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Quem é o Zaratustra de Nietzsche? A análise de Paulo César se restringe a uma descrição histórico-

⁸ O emprego de *super-homem* para *Übermensch*, neste contexto, se justifica pelo fato de usarmos a tradução do Paulo César de Souza. Entretanto, há outra opção como a do “além-do-homem”, cuja tradução Rubens Rodrigues Torres Filho oferece em sua versão de trechos de **Assim falou Zaratustra**, no volume da Coleção Os Pensadores (1978) dedicado a Nietzsche. Nela, o tradutor argumenta que o §4 do Prólogo de **Zaratustra** dá contexto e a direção em que dever ser lida a palavra, a saber, “travessia, passar, atravessar”. Todavia, devemos, ainda, nos prevenir, com todo cuidado, para evitar as confusões que tal nomenclatura em português possa produzir, pois as duas traduções possíveis em nossa língua podem sugerir um ideal acima do homem, como algo além do alcance do mero mortal. O super-homem não é o tipo que possui um super-poder, um ideal, tampouco é o símbolo teleológico do homem do futuro, o qual superará a humanidade decadente.

geográfica desse personagem, ou seja, ele simplesmente aponta a região, bem como o tempo em que viveu essa figura emblemática. Vivido na Pérsia, atual Irã, sabe-se pouco a respeito dele (Zaratustra ou Zoroastro – seu nome grego – viveu em algum momento entre os séculos XII e VI a. C). No entanto, o que justificaria Nietzsche a usá-lo? No século XIX há um grande interesse por temas orientais na Europa, especialmente pelo zoroastrismo. Nietzsche possivelmente entrou em contato com alguma obra que discorresse sobre o assunto, pois, enquanto um filólogo clássico tinha amigos especializados em culturas orientais.

O livro compõe-se de quatro partes, sendo escritas entre 1883 e 1885 e é intitulado **Assim falou Zaratustra**. A obra tal como a conhecemos hoje foi publicada em 1892, quando Nietzsche já se encontrava demente. Lendo atentamente o seu título observa-se que ele constitui uma frase, pois contém um verbo: “Assim falou”. Conforme Paulo César (2011), tal expressão indicaria uma fonte religiosa oriental para o personagem, pois muitos sermões de Buda terminam com essa fórmula “Assim falou o sublime”. A história do personagem também sugere outra inspiração religiosa: Zaratustra iniciou sua atividade espiritual com 30 anos de idade, assim como aconteceu com Buda e com Jesus Cristo. “Aos trinta anos de idade, Zaratustra deixou sua pátria e o lago de sua pátria e foi para as montanhas” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §1)⁹. Após um período em retiro, Zaratustra decide regressar aos homens e distribuir-lhes sua sabedoria que acumulou nesse tempo. Nota-se o seu entusiasmo em “se fazer homem” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §1).

A experiência da solidão proporcionou uma transformação profunda a Zaratustra. Conforme Julião (2007), esse estado “revela que Zaratustra foi transformado por algum processo que o levou a superar seus estados de vida passados e, por isso, encontra-se agora pleno e superabundante” (JULIÃO, 2007, p. 77). Nessa plenitude, ele precisa daqueles para quem possa ensinar a sua sabedoria, por isso, o seu desejo de ir até os homens. “Olha! Esta taça quer novamente se esvaziar, e Zaratustra quer novamente se fazer homem.

⁹ O verbo também lembra outra afinidade: assim como o Sócrates de Platão, Zaratustra não escreveu, falou. O mesmo aconteceu com Jesus Cristo que não deixou nenhum manuscrito.

Assim começou o declínio de Zaratustra” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §1). O outro tem lugar nesse projeto existencial.

Em sua descida das montanhas, quando chegara aos bosques, Zaratustra se deparou com um homem velho que o reconheceu. Tendo-se recordado dele, o descreveu como andarilho. Também percebeu que o conhecido mudou: “Puro é seu olhar, e sua boca não esconde nenhum nojo. Não caminha ele como um *dançarino*? Mudado está Zaratustra; tornou-se uma criança Zaratustra, um despertado é Zaratustra: que queres agora entre os que dormem?” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §2). A resposta de Zaratustra à questão levantada pelo homem velho vem em seguida: “Eu amo os homens” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §2). Zaratustra deseja ir até os homens, porque ele os ama. Tal sentimento, porém, não é partilhado pelo homem velho que o retruca: “Agora amo a Deus: os homens já não amo. O homem é, para mim, uma coisa demasiado imperfeita. O amor aos homens me mataria” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §2). O ancião ama a Deus e não aos homens, tanto é verdade que sua presença na floresta é para louvar a Deus, por meio de canções. Mas Zaratustra, quando se encontrava só, falou consigo mesmo: “Como será possível? Este velho santo, na sua floresta, ainda não soube que *Deus está morto!*” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §2). Zaratustra sabe que Deus está morto.

A morte de Deus é cara à filosofia nietzschiana. Ela também será relevante para que Zaratustra realize a sua mais importante tarefa: “a necessidade da superação do homem para tornar-se o que se é” (JULIÃO, 2007, p. 78). O sentido de Deus nessa expressão representa toda e qualquer autoridade que nos impeça de assumirmos a nossa existência como uma obra de arte, como uma coisa a ser criada por nós mesmos. Ela abre o horizonte para que o humano se sinta como artífice de si mesmo. Este é o responsável por tornar-se aquilo que se é.

O tema da morte de Deus não é um assunto novo e exclusivo do pensamento de Nietzsche. Isto quer dizer que a temática do ateísmo já se fazia presente no cenário europeu¹⁰. A respeito disso, Carlos A. R. de Moura (2005)

¹⁰ Fazendo uma análise do ateísmo no século XIX, a fim de evidenciar que a abordagem da morte de Deus em Nietzsche não é nenhuma novidade para o cenário do pensamento

também discute sobre o assunto afirmando a possibilidade de se encontrar esse tema tanto no horizonte do iluminismo francês do século XVIII, com Voltaire, Diderot, D'Holbach; quanto no próprio contexto do século XIX, na filosofia alemã, especialmente com o pensamento de Feuerbach.

A sentença de Nietzsche, “Deus está morto”, não tem apenas o significado de uma crítica à religião. Restringi-la a fórmulas fórmulas violentamente anticristãs, como se o autor de **Assim falou Zaratustra** estivesse criando valores anticristãos seria um equívoco. A morte de Deus não expressa o desaparecimento da religiosidade em Nietzsche. Mas faz notar que a questão religiosa no âmbito dessa filosofia trata, no fundo de problemas bem mais abrangentes, do que meramente promover o ateísmo ou a descrença.

A crítica que a sentença da morte de Deus em Nietzsche sugere é que todos os valores e ideais que regiam a civilização ocidental se desvalorizaram, isto é, perderam suas forças, suas sustentações. Nesse sentido, a morte de Deus sinaliza a superação da metafísica que, por sua vez, negou a vida. Que tipo de existência a metafísica gestou? O pensamento metafísico direcionou o centro desta vida para o além. Superá-lo consiste em ultrapassar aquela maneira de viver e, com ela, todos os ideais que buscavam oferecer um sentido ao mundo e à vida no além, em vista de afirmar a vida nela mesma. Noutras palavras, o conjunto dos ideais e dos valores, tais como unidade, verdades últimas e finalidade, que direcionou o sentido histórico é denunciado como desprovido de sentido e negador da vida, além de ser produto de uma ilusão.

No texto de **Zaratustra**, o tema da morte de Deus já se manifesta logo no prólogo da obra, o que demonstra ser um dos centros gravitacionais em torno dos quais gira toda a primeira parte. Ademais, essa temática ainda aparece na quarta parte, particularmente na seção: “O Mais Feio dos Homens”. Nesta seção, Zaratustra adivinha o enigma do “mais feio dos homens”, “Quem

moderno, mas que já havia no contexto europeu uma disposição filosófica, em que predominava o ateísmo, Araldi apresenta-o em três momentos. O primeiro é descrito no contexto do niilismo russo, especialmente na literatura de Dostoiévski, à qual Nietzsche frequentou nos anos de 1887 e 1888, e onde o niilismo é compreendido como questionamento do valor e da existência de Deus. O segundo instante é situado na primeira metade do século XIX, com Baudelaire, o qual manifesta em sua poesia *Les Fleurs du Mal* um afastamento de Deus. Por fim, o terceiro momento diz respeito ao Schopenhauer, o qual recusa uma divindade a partir de uma vontade cega que rege o mundo (ARALDI, 2012, p. 5-8).

sou eu?”, revelando-o como o assassino de Deus: “Acreditas ser sábio, ó orgulhoso Zaratustra? Então adivinha o enigma, ó duro quebrador de nozes, - o enigma que eu sou! Diz, então: quem sou *eu?* [...]’Eu bem te reconheço’, disse ele com voz de ferro: “és o assassino de Deus! Deixa-me ir. Não suportastes aquele que te viu, que sempre te viu e te escrutou, ó homem feíssimo! Te vingaste daquela testemunha!” (NIETZSCHE, ZA, IV, O mais feio dos homens)

A morte de Deus é cara à filosofia nietzschiana. Ela também será relevante para que Zaratustra realize a sua mais importante tarefa: “a necessidade da superação do homem para tornar-se o que se é” (JULIÃO, 2007, p. 78). O sentido de Deus nessa expressão representa toda e qualquer autoridade que nos impeça de assumirmos a nossa existência como uma obra de arte, como uma coisa a ser criada por nós mesmos. Ela abre o horizonte para que o humano se sinta como artífice de si mesmo. Este é o responsável por tornar-se aquilo que se é.

Da seção III até a VII do prólogo, Nietzsche desenvolve o seu mais amplo discurso acerca do super-homem em toda a sua obra. Todavia, devido à forma profética como é anunciado, o seu significado não se faz claro. Na seção III do prólogo - bastante semelhante ao aforismo 125, de **A gaia ciência** - quando Zaratustra chega à cidade e ali se encontra com muita gente reunida na praça que estava para assistir um equilibrista andar na corda, ele fala: “*Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?*” (NIETZSCHE, Prólogo, §3). Nossa pesquisa se concentra neste ponto e interroga: Por que o homem deve ser superado?

3. POR QUE O HOMEM DEVE SER SUPERADO?

Na ótica de Zaratustra, o último homem é desprovido de sentido histórico, o princípio que fundamenta o seu alicerce é o da conservação, da penúria e da estagnação (JULIÃO, 2011). É isso que Zaratustra quer superar. Nietzsche assinala que o último homem é o mais desprezível. Ou seja, a conduta do homem moderno merece desprezo. Por quê? Ele nos responde: “o último homem não sabe desprezar a si mesmo” (NIETZSCHE, ZA, §5). Ele é a figura do homem da cultura ocidental, que é um venerador de si mesmo. Em razão disso, Zaratustra propõe a sua superação. O que pode ser evidenciado

na postura do homem desprezível é justamente o princípio da conservação ou da manutenção. Ademais, o homem débil se vê como criador da felicidade. “Que é amor? Que é criação? Que é anseio? Que é estrela? Assim pergunta o último homem, e pisca o olho” (NIETZSCHE, ZA, §5). Mas há ainda outro elemento a ser abordado aqui. Trata-se de que essa tipologia decadente é incapaz de se superar e de engendrar novos valores. A sua essência é a lógica do engessamento. Não nos esqueçamos, no entanto, que esse paradigma humano em posse da ciência e da técnica se utiliza de várias artimanhas e ferramentas para prolongar a sua existência medíocre e niilista. Não se deve perder de vista que o homem moderno quis planificar a vida: ou seja, tornar calculável, previsível e exata. Por isso,

(...) comportam-se de forma arrogante, sem se importar com o que Zaratustra lhes fala. O último-homem é a caricatura que Nietzsche faz do homem moderno, o homem do presente, o último representante da humanidade decadente que não quer ir mais além e gaba-se de uma coisa que lhe traz felicidade, a cultura (Bildung). Nietzsche descreve o último homem, no Zaratustra, como aquele homem do presente que, de posse da técnica, se convence da possibilidade da conquista da felicidade, através de uma planificação humana (JULIÃO, 2007, p.89).

Zaratustra nos mostra que o último homem está habitado pela condescendência ou espírito de resignação. Por isso, ele alerta no fragmento 5 que se aproxima o tempo em que o homem já não dará à luz a nenhuma estrela. É importante trazer à baila que o último homem já fixou a sua meta. Ele já não lança flecha de seu anseio por cima do homem. A constatação que Zaratustra faz é que o homem moderno não ambiciona mais. Essa humanidade é caracterizada pela falta de apetite e, sobretudo pela falta de vontade de superação. Por essa razão:

(...) o lado positivo da filosofia de Nietzsche, por intermédio do Za, sugere um esforço de superação desse estado niilista, ensinando o caminho próprio da superação que tem o super-homem como o autêntico sentido: “o super-homem é o sentido da Terra” (JULIÃO, 2011, p. 84, grifos do autor).

Considerando esse estado civilizatório, o profeta de Dionísio sublinha que a terra se tornou pequena para o último homem. A sua espécie apequenou tudo. Isto é, o procedimento de erigir ideais, unidade, estabilidade e verdade para o mundo, cuja intenção, era a manutenção da vida, gerou o seu apequenamento. Desse modo, é preciso superar essa vida mesquinha e

limitada. Na ótica nietzschiana, é inescusável a ultrapassagem daqueles que tudo apequena e que são atravessados pelo princípio da autoconservação. Eles “não são caminhos, pois parecem empenhados com meras banalidades da vida, que lhes trazem conforto e, por conseguinte os conservam” (JULIÃO, 2007, p. 88). Para isso, veremos como Nietzsche diagnostica o último homem de modo mais preciso, portanto, para podermos acentuar as suas motivações de superação dessa espécie inextinguível assim como os pulgões.

Zaratustra assinala a psicologia do homem moderno como busca pelo bem-estar e pelo conforto. Ele expõe que eles deixaram as regiões onde era duro viver, adoecer e desconfiar é visto por eles como pecado (NIETZSCHE, ZA, §5). Nietzsche traz à cena mais uma vez que o homem da cultura ocidental sacrifica à vida: e a vida se constitui pela força vontade de potência que plasma por mais intensidade. Essa tipologia não assume a vida no seu aspecto integral. As suas atitudes são caracterizadas por sintomatologias de debilidade. Nestes termos, cumpre afirmar que o último homem, como atesta Zaratustra, não é um criador e a sua espécie vive como um cadáver. Assim, nos termos de Nietzsche, o homem da modernidade é o grande representante da humanidade moribunda.

Nesse cenário, Zaratustra trata também com bastante desprezo o homem que segue o ritmo ordinário da vida e o fluxo do rebanho. Ele evidencia que a cultura europeia se assenta na distração e no pequeno prazer do dia a dia. A tipologia europeia que o profeta dionisíaco dinamita se alicerça em “uma espécie de hedonismo que busca a satisfação nos pequenos prazeres, e pequenas alegrias” (PASCHOAL, 2007, p. 113). Nessa ótica, a metamorfose que almeja Zaratustra não seduz essa humanidade decadente. Isso se explica pelo seu princípio de preservação. Ele assinala mais uma vez a postura decadente dessa civilização:

Um pouco de veneno de quando em quando: isso gera sonhos agradáveis. E muito veneno por fim, para um agradável morrer. Ainda se trabalha, pois trabalho é distração. Mas cuida-se para que a distração não canse. Ninguém mais se torna rico ou pobre: ambas as coisas são árduas. Quem ainda deseja governar? Quem deseja ainda obedecer? Ambas as coisas são árduas (NIETZSCHE, ZA, §5).

É de se notar também que a modernidade produziu uma humanidade sem anseio, sem perspectivas, sem metas. Sendo assim, eles “consideram um

erro as situações de risco como adoecer e desconfiar, visa sonhos agradáveis e um agradável morrer, evita o cansaço, o conflito e até mesmo um prazer mais acentuado que poderia fazer mal à sua saúde” (PASCHOAL, 2007, p. 113). Esse tipo de homem é indiferente à vida e, sobretudo, vive afastado da sua singularidade. As escolhas e as tomadas de decisões do último homem são sempre norteadas pelo viés do rebanho. “Nenhum pastor e um só rebanho e um só rebanho! Cada um quer o mesmo, cada um é igual: quem sente de outro modo vai voluntariamente para o hospício” (NIETZSCHE, ZA, §5). A concepção do homem velho se dirige para a uniformidade, para a preservação dos valores e costumes vigentes. Em outros termos, são cultuadores das velhas tábuas de valores da tradição metafísica e da moral judaico-cristã. Logo não são criadores e nem se ver como criadores. Mas rebanhos e crentes. Ou seja, onde todas as pessoas seguem a mesma direção, se comportam do mesmo jeito, pensam e praticam ideias e valores sem questioná-los; andam de acordo com as ordens dadas, possuem a mesma aparência e consomem produtos padronizados (SILVA, 2020, p. 2021).

Outro traço marcante que Zaratustra aponta sobre o homem citadino é a sua objeção ao caos, à instabilidade e a imprevisibilidade da vida. Todos eles são negadores da finitude e do devir. “Outrora o mundo era doido, dizem os mais refinados, e piscam o olho” (NIETZSCHE, ZA, §5). Em suma, o homem velho se fia na paz acima da guerra. Sendo assim, essa tipologia humana acha que através da ciência e da racionalidade irão produzir um mundo seguro e com progresso constante. Isto é, o paraíso tão sonhado pelos metafísicos em um plano suprassensível se dará aqui mesmo na terra na perspectiva científica moderna. “São inteligentes e sabem de tudo o que ocorreu: então sua zombaria não tem fim. Ainda brigam, mas logo se reconciliam de outro modo, estraga-se o estomago” (NIETZSCHE, ZA, §5). Vejam que todas essas posturas sublinhadas em relação ao último homem se contradizem com o sentido da terra.

Deste modo, auto-superação do estado de estabilidade, esterilidade e do grande cansaço é o alvo principal de Zaratustra. E é a principal característica da modernidade na perspectiva nietzschiana. Nesse sentido, o solo europeu ainda é infértil, “para essa humanidade ainda falta um alvo” (MARTON, 2001, p.

81). Inicialmente trate-se dos homens dos shopping centers, da vida citadina, cuja alma já não transborda mais, e que não quer mais se fazer homem novamente. Nessa ótica, a humanidade ocidental é a caricatura da sociedade do cansaço e do fastio existencial. Em **A gaia ciência** (1882), Nietzsche também esclarece de modo peremptório o espírito europeu do século XIX. Desse modo:

O vício peculiar ao Novo Mundo já contamina a velha Europa, tornando-a selvagem e sobre ela espalhando uma singular ausência de espírito. As pessoas já se envergonham do descanso; a reflexão demorada quase produz remorso. Pensam com o relógio na mão, enquanto almoçam, tendo os olhos voltados para os boletins da bolsa, vivem como alguém que a todo o instante poderia "perder algo". "Melhor fazer qualquer coisa do que nada", este princípio é também uma corda, boa para liquidar toda a cultura e gosto superior. Assim como todas as formas sucumbem visivelmente à pressa dos que trabalham, o próprio sentimento da forma, o ouvido e o olho para a melodia dos movimentos também sucumbem. A prova disso está na *rude clareza* agora exigida em todas as situações em que as pessoas querem ser honestas umas com as outras, no trato com amigos, mulheres, parentes, crianças, professores, alunos, líderes e príncipes elas não tem mais tempo e energia para cerimônias, para rodeios das cortesias, para o *esprit* na conversa e para qualquer *otium* [ócio] afinal (NIETZSCHE, GC, §329, grifos do autor).

Na visão de Nietzsche, a civilização europeia está imersa no ritmo ordinária da vida. Dito de outra maneira, as pessoas estão imersas no fluxo e refluxo de suas rotinas e não têm mais tempo para a reflexão demorada; desconfiar ou suspeitar são para eles uma tarefa árdua e quase que impossível, eles pensam com o relógio no bolso. Mais do que isso, as suas rotinas árduas sufocam as suas singularidades e a sua saída do rebanho, vivem com os que dormem. Esse tipo de humano é incapaz de pensar por si mesmo. Em função das pressas dos seus trabalhos são alienados, vivem angustiados, e isso justifica a sua vontade de paraíso. A espécie humana diante do cansaço de suas tarefas cotidianas anseia por uma existência tranquila, que emana paz, conforto, estabilidade e a vida eterna. O fato é que a humanidade não tem mais tempo para as cortesias e boas maneiras. Todos os dias eles são levados as mesmas rotinas. Nesse sentido, a vida cada vez mais perde o valor, a ausência de direção e falta de capacidade de se reinventar leva a espécie humana ao esgotamento existencial. Noutros termos, a vida se tornou um peso, uma carga pesada para o último homem ou homem da cultura

moderna. Não é por acaso que Zaratustra deseja plasmar uma nova humanidade. Não mais uma humanidade orgulhosa da cultura. “Eles possuem algo que se orgulham. Como chamam mesmo o que faz orgulhosos? Chamam de cultura” (NIETZSCHE, ZA, §5).

Zaratustra chama, portanto, a atenção para uma segunda perspectiva de superação. Observe-se que se trata, portanto, da suplantação da metafísica, do dualismo e do ideal ascético propagado pelo cristianismo e pela ciência moderna. “Na tentativa de negar este mundo em que nos achamos, a metafísica procurou forjar a existência de outro; durante séculos fez dele a sede e a origem dos valores” (MARTON, 2001, p. 82). Com isso, perde de vista a existência tal como ela é, e delinqua contra ela. Vejamos mais uma vez as considerações de Zaratustra: os metafísicos criaram algo acima de si próprios, são desprezadores da vida, do corpo, dos afetos e impulsos, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada. Na ótica do arauto do *übermensch*, essa espécie é envenenadora da vida com o seu viés niilista e bubônico. Contaminaram a existência com a suas condutas cheias de má-consciência e de ressentimento.

Deste ponto de vista, eles não são féis a terra. Isto é, são ofensores da vida. Porém, para Zaratustra, ofender a terra é agora o que há de mais terrível, e considerar mais altamente as estranhas do inescrutável do que o sentido da terra é um grande delito cometido contra a vida. Os antípodas do super-homem “olhando com desprezo para o corpo, queriam ver magro e horrível. Ou seja, assumindo uma postura ascética assim pensava eles escapar ao corpo e à terra” (NIETZSCHE, ZA, §3). Por isso, Zaratustra destaca que o último homem é o mais desprezível. É por isso também que ele concebe o homem da cultura moderna como pregadores de penitência e homens que apenas balbuciam. Nesta perspectiva, seria possível considerar que o princípio da manutenção ou da conservação comporta essas duas tipologias que se entrelaçam no solo da cultura ocidental. Estão à mercê de ideais, de promessas de felicidades e de progressos científicos.

Por fim, “o último homem descrito no prólogo de Zaratustra, mostra o humano que agoniza, mas nem mesmo percebe que se tornou uma caricatura de si mesmo, um ser sem vida, um autômato” (MOSE, 2018, p. 48). Do ponto

de vista do filósofo alemão, o humano no contexto moderno se movimenta de forma mecânica, a exemplos de marionetes. Como vimos são pessoas inconscientes, cujo atos obedecem a vontade da massa e da tradição. Desse modo, não são precedidos de reflexão. Os afazeres os obrigam a se determinar antes que tenha tido o ócio de examiná-las cuidadosamente.

4. TRAÇOS DE SUPERAÇÃO DA CULTURA OCIDENTAL NO PRÓLOGO DE ZARATUSTRA

No horizonte do pensamento platônico-cristão, o ser humano é definido pela alma e não pelo seu corpo. É interessante perceber que, nesse âmbito, refere-se ao corpo de alguém quando este já não vive. O ritual de exéquias, por exemplo, se realiza com a chegada do corpo ao local da cerimônia. Todavia, em Nietzsche, o equilibrista é tomado a partir do seu corpo que cai ainda vivo ao lado de Zaratustra. Nota-se aqui uma superação da compreensão humana entendida tradicionalmente. Platão definiu o ser humano enquanto alma. No mundo moderno, Descartes afirmara que mesmo não possuindo um corpo ele não poderia deixar de pensar (DESCARTES, 1987). O texto do prólogo de Zaratustra não reproduz os pensamentos platônico e cartesiano, mas rompe com eles. Pois, neste contexto, é o corpo que sinaliza a vivacidade do equilibrista e não a alma, a consciência. Esta retornou ao homem somente depois de um tempo.

A sua ruptura de Nietzsche não se encerra neste ponto. Existem outros traços de superação da cultura ocidental. O equilibrista falou de inferno e de demônio. Mas Zaratustra o advertiu dizendo: “Por minha honra, amigo, nada do que falas existe: não existe demônio nem inferno. Tua alma morrerá antes ainda que teu corpo: nada temas, portanto!” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §6). Mais uma vez observamos uma subversão em relação ao tratamento da alma dada pelo pensamento filosófico e cristão. Estes conceberam a alma como imortal, imutável e imaterial. O corpo, ao contrário, sofre com a passagem do tempo (envelhece!), é material (feito de carne e osso!) e finito, ou seja, morre. Em Nietzsche, observamos que a alma também morre e morre antes que o corpo. O indivíduo nietzschiano é distinto do sujeito cartesiano que se define como uma coisa pensante. Aquele não se reduz ao pensamento racional, mas,

antes, compreende todo o espectro de faculdades e experiências humanas, incluindo emoções, sensações e o corpo. Desse modo, o equilibrista se vê reconfortado, pois além de sua alma não ir para o inferno, ela também é finita. Com a sua morte, ele não perde nada; a não ser a própria vida aqui e agora.

“Nesse meio-tempo caiu a noite, e a praça se ocultou na escuridão: então a gente se dispersou, pois mesmo a curiosidade e o espanto se afadigam. Mas Zaratustra ficou sentado junto ao morto, no chão, envolvido em pensamentos, e assim se esqueceu do tempo” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §7). Na descida da montanha para a praça na cidade, Zaratustra havia se encontrado com o ancião que o percebeu um tanto despertado. Os dez anos de solidão contribuiu para ele conquistar uma maneira de viver que não se deixa levar pelo ritmo ordinário da vida. Este molda a vivência humana, tanto que quando a noite caiu, o povo dispersou. Ao contrário, Zaratustra conitnuou envolvido em pensamentos, e assim se esqueceu do tempo. O seu modo de existir despertado dá a ele oportunidade de viver não segundo o ritmo do dia a dia. Como um vigilante, reflete que a existência humana é sem sentido algum, de modo que até um palhaço lhe pode ser uma fatalidade (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §7). Dada a ausência objetiva de significado da vida, Zaratustra quer ensinar aos homens um caminho, a saber, “o super-homem, o raio vindo da negra nuvem homem” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §7).

Propor o super-homem como sentido significa rejeitar todas as pretensões dirigidas a uma autoridade para além da humanidade. Ele, portanto, coloca em evidência o indivíduo em sua experiência pessoal, considerada como particular e única. A obra de Nietzsche, especialmente o prólogo, conta a experiência particular de Zaratustra. “O indivíduo é a unidade de análise existencial, e os segredos da existência são concebidos como algo que se desvela pelo contemplador solitário em uma relação *autêntica* consigo mesmo e com o cosmos” (WOODWARD, 2016, p. 63, grifo do autor).

Essa relação autêntica consigo mesmo e com o cosmos é predominante no prólogo. Em vista dela, Zaratustra é considerado um “perigo para a multidão” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §8). Ele é visto como inimigo e desprezador pelos bons e justos, isto é, pelos modos coletivos da vida humana, por aqueles que fundamentam o seu viver no comportamento da multidão.

Após ter dormido longamente, Zaratustra acordou e admirado olhou dentro de si e exultou, pois havia visto uma nova verdade: ele necessita de companheiros e não de mortos, os quais pode levar pra onde quer (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §9). Necessita de companheiros vivos, que o sigam “porque querem seguir a si mesmos” (NIETZSCHE, ZA, Prólogo, §9). Recusando um modo de vida de rebanho, Zaratustra não se mostra como pastor, ele não procura nenhum rebanho e nem crentes, mas coloca-se como um destruidor de velhas tábuas e criador de novas. O quebrador, o infrator de valores é também o que cria novas apreciações.

O criador procura companheiros criadores, aqueles que criam novas tábuas e novos valores, e dessa forma, se auto-superam. São esses o anseio de Zaratustra, por isso não quer se dirigir mais ao povo, senão àqueles que criam, que colhem, que festejam. A esses ele mostrará o caminho até o super-homem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do prólogo de Zaratustra nos possibilitou elucidar que o sentido de super-homem não se articula com um além da humanidade, num sentido de distanciamento além ou aquém. Mas foi compreendido através da superação de si mesmo, colocando-se, assim, por cima de si mesmo, determinando-se pela primeira vez como condutor do sentido histórico. Porém, essa ideia não quis sugerir uma realização teleológica da essência do homem. Buscou-se compreender que o humano é aquele que ultrapassa o último homem, isto é, vai além do homem moderno e do sujeito decadente da cultura ocidental. Este em posse da técnica lançou mão da existência através de uma planificação matemática. Acreditou na conquista dos enlevos de modo exato e calculável. Assim, o homem do presente rebaixa a vida ao torná-la previsível. Ou seja, é um tipo de existência mesquinha e inautêntica. Nietzsche acentua em um aforismo do Anticristo a sua rejeição ao homem moderno: “e para não deixar de lado nenhuma dúvida a respeito do que eu desprezo, de quem eu desprezo: é o homem de hoje, o homem do qual eu sou fatalmente contemporâneo. O homem de hoje – eu me asfixio com seu impuro respirar”

(NIETZSCHE, AC, § 38). Deste modo, Nietzsche evidencia que o homem a ser superado é a espécie que se devotou a conservação e a perpetuação.

ABSTRACT

Our research aims to investigate the following question: Why should man be overcome? By delimiting the analysis of the Prologue to Zarathustra, we understand that in it Nietzsche seeks to bring new thoughts to men in order to encourage them to greatness and divert them from the mediocrity that is a feature of modern culture. It is high time that man planted the seed of his highest hope. In this sense, Nietzsche defines man as a passage and a crossing towards the realization of the superman. The meaning of this is closely linked to the project of transvaluation of the culture of mediocrity that is expressed in the human being - a herd animal, domesticated by morality and religion, to a being that affirms the earth. The superman is the meaning of the earth.

Keywords: Nietzsche. Overcoming. Superman.

REFERÊNCIAS

ARALDI, C. L. Considerações acerca da 'Morte de Deus' em Nietzsche. **Dissertatio**, Pelotas, n. 4. Disponível em: <<http://www.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/antigas/dissertatio4.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2012.

DESCARTES, R. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1987-1988.

JULIÃO, José N. **Para Ler o Zarathustra de Nietzsche**. Barueri: Editora Manole, 2011. *E-book*. ISBN 9788520449134. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520449134/>. Acesso em: 20 mar. 2024.

_____. Sobre o Prólogo de Zarathustra. **Cadernos Nietzsche**, n. 23, 2007, pp. 75-104.

MARTON, Scarlett. **Extravagâncias**: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche. São Paulo: Edições editorial e Unijai, 2001.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche hoje**. Rio de Janeiro: Vozes nobilis, 2018.

MOURA, C. A. R. de. **Nietzsche**: civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, F. **Assim falou Zarathustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad.: Paulo César de Souza São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. In: Obras incompletas. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **A gaia ciência**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PASCHOAL, Antonio Edmilson. A palavra *Übermensch* nos escritos de Nietzsche. **Cadernos Nietzsche**, n. 23, 2007, pp. 105-121.

SILVA, Joana Brito Lima. O Corpo é uma grande razão: liberdade, consciência e natureza em Nietzsche. **Revista Ética e Filosofia Política**, Juiz de Fora, v. 1, n. XXIII, jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/eticaefilosofia> ISSN: 1414-3917 e-ISSN: 2448-213. Acesso em: 02 jun. 2024.

SOUZA, P. C. Posfácio. In: **Assim falou Zaratustra**: um livro para todos e para ninguém. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, pp. 339-347.

WOODWARD, Ashley. **Nietzscheanismo**. Tradução Diego K. Trevisan. Petrópolis: Vozes, 2016.